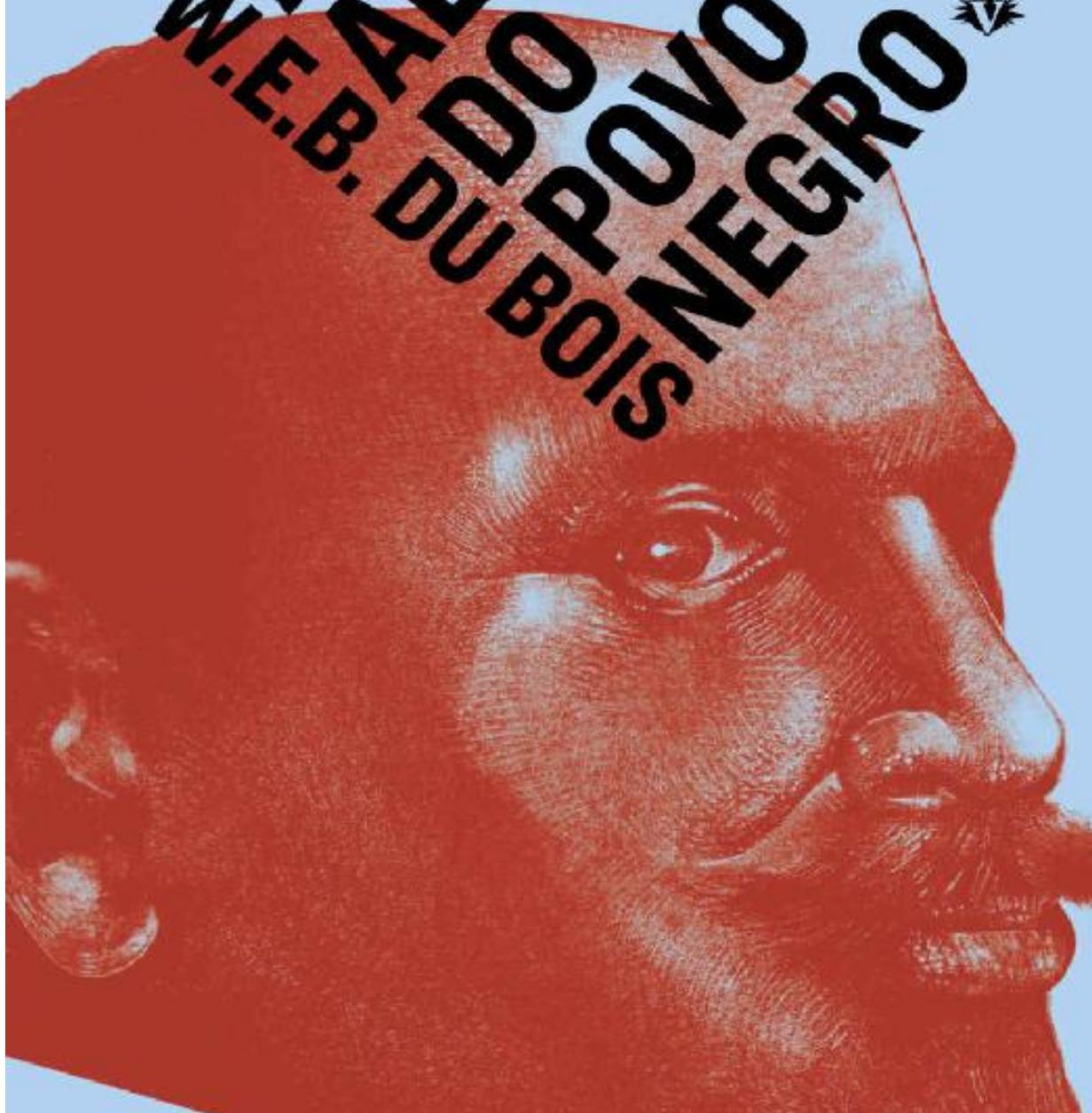


**WAS
W.E.B. DU BOIS**

**ALMAS
DO POVO
NEGRO** 



**WAS ALMAS
W.E.B. DU BOIS
DO POVO
S NEGRO**

TRADUÇÃO
ALEXANDRE BOIDE

ILUSTRAÇÕES
LUCIANO FEIJÃO



1

SOBRE NOSSOS CONFLITOS ESPIRITUAIS

Ó água, que chora na areia, voz de meu coração,
Por toda a noite a lamentar em meio ao breu,
Enquanto deitado escuto, tentando entender em vão
A voz de meu coração ao meu lado ou a voz do mar,
Ó água, clamando por descanso, por acaso você seria
eu?
A água durante toda a noite para mim a chorar.

Água inquieta, descanso nenhum haverá de vir
Até a última lua minguar e a última maré descer
E o fogo final a partir do oeste começar a tudo consumir;
E o coração cansado e maravilhado fará como o mar,
Por toda a vida a lamentar sem arrefecer,
Como a água durante toda a noite para mim a chorar. ⁶

— Arthur Symons⁷



Entre mim e o mundo existe um questionamento nunca feito: por alguns, em razão de sentimentos de delicadeza; por outros, pela dificuldade de encontrar palavras para fazê-lo. Mesmo assim, todos dançam ao redor dele. Me abordam de uma forma meio hesitante, me olham com curiosidade ou compaixão, e então, em vez de perguntar de forma direta “Como é a sensação de ser um problema?”, dizem coisas como “Eu conheço um excelente homem de cor em minha cidade”; ou “Eu lutei em Mechanicsville”⁹; ou “Esses absurdos sulistas não fazem seu sangue ferver?”. Para esses eu sorrio, ou demonstro interesse, ou abrando o fervor, de acordo com o que a ocasião exigir. Ao verdadeiro questionamento — “Como é a sensação de ser um problema?” —, quase nunca respondo.

E, no entanto, ser um problema é uma experiência estranha — peculiar mesmo para mim, que nunca fui outra coisa, a não ser talvez na época de bebê ou na Europa. É logo nos primeiros dias da alegre infância que a revelação se abate sobre a pessoa, tudo em um único dia, com toda a força. Eu me lembro bem de quando a sombra se projetou sobre mim. Eu era pequenino, vivendo nas colinas da Nova Inglaterra¹⁰, onde as águas escuras do Housatonic fazem seu percurso sinuoso entre as montanhas da serra de Hoosac e Taghkanic para chegar ao mar. Em uma pequena

escola de madeira, algum motivo levou os meninos e as meninas a comprar belíssimos cartões de visita — a dez centavos de dólar o pacote — e os trocar entre si. A troca estava divertida, até que uma garota, alta e recém-chegada, recusou meu cartão — e de forma categórica, com um olhar. Foi quando me veio a percepção quase imediata de que eu era diferente dos demais; ou semelhante, talvez, em termos de coração e de força vital e de aspirações, mas apartado do mundo deles por um enorme véu. Não senti nenhum desejo de rasgar esse véu, de atravessá-lo; passei a desprezar todos os que estavam do outro lado e a viver acima desse véu em uma região de céu azul e grandes sombras errantes. O céu se tornava ainda mais azul quando eu superava meus colegas nas provas, ou os venciam na corrida, ou até mesmo quando batia em suas cabeças estreitas. Infelizmente, com o tempo esse fino desprezo começou a esvanecer; pois as palavras que eu queria para mim, e todas as belas oportunidades, iam para eles, não para mim. Mas eles não deveriam ganhar essas recompensas, eu falei; algumas, todas, eu as arrancaria deles. Só não soube decidir como: lendo e entendendo as leis, curando os doentes, narrando as histórias fantásticas que habitavam minha mente — de alguma forma. Para outros meninos negros o conflito não era assim tão radiante: sua infância se limitou a uma subserviência tediosa, ou a um ódio ao mundo pálido acima deles, com uma desconfiança zombeteira de tudo o que era branco; ou então desperdiçando a meninice em um lamento amargo: “Por que Deus me fez um proscrito em minha própria casa?”. As sombras da prisão se fechavam sobre todos nós:

paredes estreitas e rígidas para os mais claros, mas implacavelmente apertadas¹¹, altas e impossíveis de escalar para os filhos da noite, a quem só resta se deixar arrastar sombriamente pela resignação, ou bater em vão com as mãos espalmadas nas pedras, ou de forma obstinada, mas quase sem esperança, observar o céu azul lá no alto.

Depois dos egípcios e indianos, dos gregos e dos romanos, dos teutos e dos mongóis, o negro é uma espécie de sétimo filho, nascido com um véu¹² e dotado de clarividência neste mundo americano — um mundo que não lhe deixa tomar uma verdadeira consciência de si mesmo e que lhe permite ver a si mesmo apenas através da revelação do outro mundo. É uma sensação peculiar, essa consciência dual, essa experiência de sempre enxergar a si mesmo pelos olhos dos outros, de medir a própria alma pela régua de um mundo que se diverte ao encará-lo com desprezo e pena. O indivíduo sente sua dualidade — é um norte-americano e um negro; duas almas, dois pensamentos, duas lutas inconciliáveis; dois ideais em disputa em um corpo escuro, que dispõe apenas de sua força obstinada para não se partir ao meio.

A história do negro norte-americano é a história desse conflito — desse desejo de tomar consciência de si mesmo como homem, de fundir esse duplo eu em um único indivíduo, melhor e mais verdadeiro. Com essa fusão, ele espera que nenhuma de suas antigas partes se perca. Ele não africanizaria a América, pois os Estados Unidos da América têm muito o que ensinar ao mundo e à África. Ele não clarearia sua alma negra em uma torrente de

americanismo branco, pois sabe que o sangue negro tem uma mensagem para o mundo. Ele simplesmente deseja tornar possível para um homem ser ao mesmo tempo negro e norte-americano, sem ser insultado ou escarrado por seus compatriotas, sem ter as portas da oportunidade batidas de forma brusca em sua cara.

Este, então, seria o fim de seu conflito: ser um colaborador no âmbito da cultura, escapar da morte e do isolamento, compartilhar o uso de suas melhores capacidades e de seu gênio latente. Essas capacidades de corpo e mente foram estranhamente desperdiçadas, desmobilizadas e esquecidas no passado. A sombra de negros poderosos do passado paira sobre a história da Etiópia, a Misteriosa, e do Egito da Esfinge. Ao longo da história, as capacidades de homens negros lampejam aqui e ali como estrelas cadentes, e às vezes morrem antes que o mundo tenha de fato reconhecido seu brilho. Aqui nos Estados Unidos da América, nos poucos anos que se passaram desde a Emancipação, o perambular hesitante e temeroso do homem negro muitas vezes fez sua força perder a efetividade e parecer falta de capacidade, parecer fraqueza. No entanto, não se trata de fraqueza — é a contradição de objetivos conflitantes. A dupla luta do artesão negro — de um lado para escapar do desprezo dos brancos por uma nação de meros rachadores de lenha e carregadores de água¹³, e de outro para arar e pregar e cavar para uma horda relegada à pobreza — só poderia ter como resultado transformá-lo em um mau trabalhador, pois só é capaz de dedicar metade de seu coração a cada causa. Em razão da pobreza e da ignorância de seu povo, os

pastores e doutores negros foram tentados a se valer do charlatanismo e da demagogia; e, em razão das críticas do outro mundo, foram levados a abraçar ideias que os envergonhavam de suas ocupações inferiores. O homem negro aspirante a sábio era confrontado com o fato paradoxal de que o conhecimento de que seu povo precisava era notícia velha no mundo dos brancos, e que seu conhecimento capaz de esclarecer os brancos equivalia a falar grego para as pessoas que eram sangue de seu sangue. O amor inato pela harmonia e pela beleza que faziam até as almas mais rudes de seu povo dançar e cantar gerava apenas dúvida e confusão na alma do artista negro; pois a beleza que lhe era revelada era a beleza de alma de uma raça que o público mais amplo desprezava, e ele não era capaz de articular essa mensagem para outras pessoas. Esse desperdício de ter objetivos cindidos, essa busca por satisfazer dois ideais inconciliáveis, transformou em um triste caos a coragem e a fé e o senso de dever de 10 milhões de pessoas — e as levou a adorar falsos deuses e a pregar falsas formas de salvação, e às vezes as fez parecer inclusive envergonhadas de si mesmas.

Na época dos grilhões, essas pessoas vislumbravam em um único acontecimento divino o fim de todas as dúvidas e frustrações; poucos homens idolatravam a Liberdade com uma fé tão inquebrantável quanto a do negro norte-americano ao longo de dois séculos. Para ele, em seus pensamentos e sonhos, a escravidão era de fato a soma de todas as vilanias, a causa de todas as tristezas, a raiz de todos os preconceitos; a Emancipação era a chave para uma terra prometida da mais doce beleza a ser exposta

diante de seus olhos de israelitas exaustos. Em suas canções e exortações, erguia-se apenas um refrão — Liberdade; em suas lágrimas e imprecações a Deus, ele implorava para ter a Liberdade ao alcance de sua mão. Por fim ela veio — de forma repentina e temerosa, como em um sonho. Em um carnaval de sangue e sentimentos exaltados, veio a mensagem na mesma cadência de suas súplicas:

Gritem, ó crianças!
Gritem que livres são!
*Pois Deus comprou a sua libertação!*¹⁴

Anos se passaram desde então — dez, vinte, quarenta; quarenta anos na vida nacional, quarenta anos de renovação e desenvolvimento. E, no entanto, o espectro escuro ainda ocupa o assento de sempre no banquete da nação. Em vão choramos pelo maior de nossos problemas sociais:

Toma qualquer forma que não essa, e meus firmes nervos
*Jamais haverão de estremecer!*¹⁵

A nação ainda não pacificou seus pecados; o liberto ainda não encontrou na liberdade sua terra prometida. A despeito do que possa ter ocorrido de bom nestes anos de mudanças, a sombra de uma decepção profunda ainda recai sobre os negros — uma decepção tanto mais amarga porque o ideal não alcançado era desmesurado, a não ser para a ignorância simplória de uma gente humilde.

A primeira década foi um mero prolongamento de uma busca vã pela liberdade, uma dádiva que parecia escapar de seu alcance o tempo todo — como um hipnotizante fogo-fátuo que enlouquece e engana a multidão inconsciente. O sacrifício da guerra, os horrores da Ku Klux Klan, as mentiras dos *carpetbaggers*¹⁶, a desorganização da Economia e os conselhos contraditórios de amigos e inimigos deixaram o desorientado servo sem nenhuma palavra de ordem a seguir além do antigo grito por liberdade. À medida que o tempo passou, porém, ele começou a formar uma nova ideia. A realização do ideal de liberdade demandava meios poderosos, e a Décima Quinta Emenda¹⁷ lhe forneceu tais meios. O voto, antes visto como um sinal visível de liberdade, passou a ser considerado por ele a principal forma de conquistar e aperfeiçoar a liberdade parcial que a guerra lhe trouxera. E por que não? Os votos não levaram à guerra e à emancipação de milhões? Os votos não haviam concedido direitos aos libertos? Alguma coisa seria impossível para um poder capaz de tudo isso? Um milhão de negros retomaram com vigor renovado a caminhada rumo à terra prometida através do voto. Assim a década se passou, veio a revolução de 1876¹⁸, e o servo parcialmente livre se viu cansado e sem morada, mas ainda inspirado. De forma lenta, porém constante, nos anos seguintes uma nova visão aos poucos começou a substituir o sonho do poder político — um movimento poderoso, a ascensão de um novo ideal para guiar os sem rumo, mais uma coluna de fogo que se erguia noite adentro depois de um dia nebuloso. Era o ideal do “tornar-se culto”; a curiosidade, nascida da ignorância que lhe fora imposta, de conhecer e testar o poder das

cabalísticas letras dos brancos, o desejo de saber. Ali ele enfim pareceu ter descoberto o montanhoso caminho de Canaã¹⁹; mais longo que a estrada da Emancipação e da lei, mais íngreme e acidentado, porém direto, capaz de levá-lo até uma altura suficiente para poder enxergar a vida a partir de cima.

Pela nova trilha seguiu sua vanguarda, em um caminhar lento, pesado e obstinado; apenas os que observaram e guiaram os pés vacilantes, as mentes enevoadas e os problemas de entendimento dos estudantes escuros dessas escolas sabem com que fidelidade e fé essas pessoas se esforçaram para aprender. Foi um trabalho exaustivo. As frias estatísticas registraram seus mínimos progressos aqui e ali, anotando também onde seus passos derraparam ou onde alguns caíram. Para os exaustos montanhistas, o horizonte estava sempre encoberto, a neblina era sempre fria, e Canaã parecia sempre indistinta e longínqua. No entanto, ainda que o panorama não revelasse nenhum objetivo, nenhuma perspectiva de descanso, e o máximo que se conseguia eram alguns incentivos e críticas, a jornada pelo menos ofereceu a oportunidade de reflexão e autoanálise; transformou o filho da Emancipação em um jovem com um princípio de consciência de si mesmo, de autorrealização e de respeito próprio. Nessa sempre sombria e conflituosa floresta, sua alma se elevou diante dele — obscura como se estivesse atrás de um véu; mas ainda assim ele enxergou em si mesmo uma pálida revelação de sua capacidade, de sua missão. Começou a alimentar uma vaga sensação de que, para conquistar seu lugar no mundo, precisaria ser ele mesmo, e não outra

pessoa. Pela primeira vez, buscou analisar o fardo que carregava nas costas, o peso morto da degradação social em parte mascarada atrás de um problema racial que não se declarava abertamente. Ele sentiu sua pobreza; sem um centavo, sem casa, sem propriedade, ferramentas ou economias, entrou em competição direta com seus vizinhos ricos, instruídos e donos de terras. Ser pobre é difícil, mas ser um homem de uma raça inferiorizada em um lugar dominado pelo dinheiro é a maior das agruras. Ele sentiu o peso de sua ignorância — não apenas em relação às letras mas também em relação à vida, aos negócios, aos assuntos humanos; a preguiça e a indolência e a inadequação acumuladas durante décadas e séculos o deixaram de mãos e pés atados. E seu fardo não se limitava à pobreza e à ignorância. O estigma da bastardia — que dois séculos de violação sistemática e legalizada das mulheres negras impôs sobre sua raça — significava não apenas a perda de sua antiga pureza africana mas também o peso hereditário da corrupção em massa dos adúlteros brancos, que ameaçava os lares negros quase ao ponto da obliteração.

Um povo em tamanha desvantagem não deveria ser obrigado a competir com o mundo, e sim ter permissão para dedicar todo seu tempo e pensamento a seus próprios problemas sociais. Mas, infelizmente, enquanto os sociólogos contabilizam com satisfação os bastardos e as prostitutas desse povo, a alma do negro que derrama o suor de seu rosto é obscurecida pela sombra de um enorme desespero. Os homens chamam essa sombra de preconceito, e com erudição a definem como a defesa natural da cultura contra a barbárie, do saber contra a

ignorância, da pureza contra o crime, das raças “superiores” contra as “inferiores”. E a isso o negro diz amém e é capaz de jurar que boa parte desse estranho preconceito tem como base uma justa homenagem à civilização, à cultura, à retidão e ao progresso, prostrando-se humildemente para oferecer sua mansa reverência. Mas diante do preconceito inominado que a tudo domina ele permanece indefeso, submisso e quase mudo; diante do desrespeito pessoal e da galhofa, da ridicularização e da humilhação sistemática, da distorção dos fatos e dos injustificáveis caprichos, do cínico desconhecimento do que existe de melhor e do ruidoso alarde sobre o que há de pior, do desejo onipresente de inculcar o desdém em relação a tudo o que é negro, de Toussaint²⁰ ao diabo — diante disso surge um desespero agoniado que desmobilizaria e desencorajaria qualquer nação, a não ser a hoste de negros para quem não existe a palavra “desencorajar”.

Mas ao encarar tamanho preconceito seria impossível não surgir o inevitável autoquestionamento, a autodepreciação e a desvalorização de ideais que sempre acompanham a repressão e criam uma atmosfera de desprezo e ódio. Os sussurros e os maus agouros se espalharam aos quatro ventos: “Vejam, estamos doentes e moribundos”, clamavam as hostes negras; “não sabemos escrever, nossos votos não mudam nada; para que precisamos de educação se nossa obrigação se resume a cozinhar e servir?”. E o país ecoava e reforçava essa autocrítica, dizendo: “Contentem-se com o servilismo, e nada mais; qual é a necessidade de cultura para quem não é homem por inteiro? Abaixo o voto dos negros, pela força

ou pela fraude — e contemplemos o suicídio de uma raça!”. Ainda assim, desse mal adveio algo de bom — o ajuste mais bem pensado da educação à vida real, a percepção mais clara das responsabilidades sociais dos negros, e o sóbrio entendimento do significado de progresso.

Então veio o tempo de *Sturm und Drang*²¹: a tempestade e a tensão que hoje sacodem nosso pequeno barco nas águas enlouquecidas do mar do mundo; por dentro e por fora há o som da disputa, da queima dos corpos e da dilaceração das almas; a inspiração está em conflito com a dúvida, e a fé, com questionamentos vãos. Os radiantes ideais do passado — liberdade física, poder político, a instrução das mentes e o treinamento das mãos —, tudo isso foi desgastado e encolhido, até que o último deles se tornasse turvo e opaco. Estavam todos errados — eram todos falsos? Não, não é isso, mas cada um deles era simplificado e incompleto — os sonhos da crédula infância de uma raça ou as imagens benevolentes do outro mundo, que não conhece e não quer conhecer nossa capacidade. Para serem realmente verdadeiros, todos esses ideais precisam ser remoldados e fundidos em um. Hoje mais do que nunca precisamos da instrução das escolas — do treinamento de mãos inaptas, de olhos e ouvidos alertas, e acima de tudo cultivar de forma mais ampla e profunda as mentes talentosas e os corações puros. Precisamos do poder do voto por pura autodefesa — senão o que vai nos salvar de uma segunda escravidão? A liberdade também, nosso desejo de longa data, ainda buscamos — a liberdade de corpo e de vida, a liberdade para viver e pensar, a liberdade de amar e ter aspirações. Trabalho, cultura,

liberdade — de tudo isso precisamos, não individualmente, mas juntos, não sucessivamente, mas ao mesmo tempo, cada coisa alimentando e ajudando a outra, e todas lutando por um ideal mais vasto que se apresenta diante das pessoas negras, o ideal da irmandade humana, conquistado através do ideal unificante da Raça; o ideal de fomentar e desenvolver as características e o talento do negro, não em oposição ou desdém por outras raças, e sim em grande conformidade com os ideais maiores da República estadunidense, para que algum dia no solo norte-americano duas raças do mundo possam ceder uma à outra as características que tão tristemente lhes faltam. Nós, os mais escuros, não estamos de mãos vazias por completo nem mesmo agora: não existem expoentes mais verdadeiros do espírito humano em estado puro da Declaração de Independência do que os negros norte-americanos; não existe música mais norte-americana do que as doces melodias selvagens dos escravos negros; os contos de fadas e o folclore norte-americanos são indígenas e africanos; e, apesar dos pesares, nós, os homens negros, parecemos ser o único oásis de fé e reverência em um deserto arenoso de dólares e ardilezas. Os Estados Unidos ficariam mais pobres se trocassem sua cruel e indigesta obtusidade pela ingênua porém determinada humildade dos negros? Ou seu sarcasmo bruto e cruel por um senso de humor amoroso e jovial? Ou sua música vulgar pela expressão da alma das Canções de Lamento?²²

O problema do negro é meramente um teste concreto dos princípios subjacentes desta grande república, e o conflito espiritual dos filhos dos libertos é a angústia de

almas cujo fardo vai quase além da medida de sua força, mas eles o suportam em nome de uma raça histórica, em nome desta terra que é a de seus antepassados e em nome do desenvolvimento humano.

E, agora que esbocei os contornos mais gerais, me permitam nas próximas páginas reafirmar de diversas maneiras, com uma ênfase apaixonada e em maiores detalhes, que os homens devem conhecer os conflitos das almas do povo negro.

6 *O water, voice of my heart, crying in the sand,/ All night long crying with a mournful cry,/ As I lie and listen, and cannot understand/ The voice of my heart in my side or the voice of the sea,/ O water, crying for rest, is it I, is it I?/ All night long the water is crying to me.// Unresting water, there shall never be rest/ Till the last moon droop and the last tide fail,/ And the fire of the end begin to burn in the west;/ And the heart shall be weary and wonder and cry like the sea,/ All life long crying without avail,/ As the water all night long is crying to me.*

7 Arthur Symons (1865-1945), poeta e crítico britânico.

8 Abertura de “Nobody Knows the Troubles I’ve Seen”, um antigo spiritual dos tempos do escravismo que foi gravado por várias dezenas de artistas, como Louis Armstrong, Paul Robeson, Archie Shepp, Dizzy Gillespie, Richie Havens e Sam Cooke. A letra teve várias versões, mas esta parece ser a primeira registrada: *Oh, nobody knows de trouble I’ve seen,/ Nobody knows but Jesus,/ Nobody knows de trouble I’ve seen./ Glory Hallelujah!/ Sometimes I’m up, sometimes I’m down;/ Oh, yes, Lord;/ Sometimes I’m almost to de groun’,/ Oh, yes, Lord./ Although you see me goin’ long so/ Oh, yes, Lord;/ I have my trials here below,/ Oh, yes, Lord.// One day when I was walkin’ along,/ Oh yes, Lord/ De element opened, an’ de Love came down,/ Oh yes, Lord/ I never shall forget dat day,/ Oh yes, Lord/ When Jesus washed my sins away,/ Oh yes, Lord/ Oh, nobody knows de trouble I’ve seen. (“Ah, ninguém sabe o sofrimento que vivi./ Ninguém além de Jesus,/ Ninguém sabe o sofrimento que vivi./ Glória Aleluia!/ Às vezes tô de pé, às vezes oprimido/ Às vezes tô quase caído/ Ah, sim, Deus./ Apesar de seguir firme na minha direção/ Tenho minhas provações aqui neste chão,/ Ah, sim, Deus.// Um dia eu tava na minha caminhada,/ Ah, sim, Deus/ O céu se abriu, e o Amor desceu à Terra/ Ah, sim, Deus/ Um dia para ser sempre recordado,/ Ah, sim, Deus/ Quando Jesus limpou todos os meus pecados,/ Ah, sim, Deus/ Ninguém sabe o sofrimento que vivi.”)*

9 A Batalha de Mechanicsville, na Virgínia, aconteceu em 26 de junho de 1862, durante a Guerra Civil, e foi vencida pelas tropas da União (Norte).

10 Nova Inglaterra é uma região no nordeste dos Estados Unidos que reúne seis estados: Connecticut, Maine, Massachusetts, New Hampshire, Rhode Island e Vermont. Boston, capital de Massachusetts, é a principal cidade da região. A Nova Inglaterra foi um polo importante do movimento abolicionista e aparece ao longo deste livro como a porção mais civilizada, mais europeizada, da América. Du Bois nasceu em Great Barrington, no condado de Berkshire, no extremo oeste de Massachusetts, e viveu lá até os 17 anos.

11 Aqui Du Bois faz referência a Mateus 7:14: “Estreita, porém, é a porta e apertado o caminho que conduz à Vida. E poucos são os que encontram” (*Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002).

12 No folclore de diversos países, o sétimo filho de uma família tem algum tipo de poder paranormal ou é amaldiçoado (a ser vampiro ou lobisomem, por exemplo). Em algumas regiões dos Estados Unidos acreditava-se que o sétimo filho teria o poder da clarividência. Também há a crença de que bebês nascidos ainda envolvidos na membrana do saco amniótico (quando a bolsa não se rompeu antes do parto) terão muita sorte e o poder da clarividência. Essa membrana é chamada de véu.

Mas o conceito duboisiano é mais complexo e inclui também a referência bíblica, na qual o véu aparece em diversas ocasiões e com sentidos diferentes. Em Êxodo 26:31, Deus ordena a Moisés que faça um véu para proteger o Santo dos Santos, principal compartimento do Tabernáculo, onde ficavam as Tábuas da Lei. Tradicionalmente, apenas o sumo sacerdote tinha a permissão de entrar ali e, mesmo assim, apenas uma vez por ano (quando Jesus morreu, esse véu, segundo Mateus 27:51, rasgou-se em duas partes, marcando, segundo os cristãos, o fim do antigo culto mosaico). Em Êxodo 34:29-35, o rosto de Moisés resplandece depois do encontro com Deus na montanha do Sinai, e isso atemoriza os israelitas. Por isso, Moisés usa um véu quando vai falar com eles e o retira quando vai falar com Deus. Em Isaías 25:7, o Deus vitorioso (“Iahweh dos Exércitos” que “reina no monte Sião e em Jerusalém”) “destruiu sobre esta montanha o véu que envolvia todos os povos e a cortina que se estendia sobre todas as nações”.

13 No capítulo 9 do Livro de Josué, os gabaonitas, temendo serem massacrados pelo exército israelita (como haviam sido massacrados os habitantes de Jericó e Hai), usaram da astúcia e fizeram uma aliança com Israel a partir de uma mentira. Ao descobrir a verdade, Josué, líder dos israelitas, não pôde voltar atrás na aliança porque ela havia sido feita perante Deus. Deixou os gabaonitas vivos, mas amaldiçoados, transformados em servos: “Agora, pois, sois malditos e jamais cessareis de ser servos como rachadores de lenha e carregadores de água na casa do meu Deus”.

14 “*Shout, O children! Shout, you’re free! For God has bought your liberty!*” — Trecho de um spiritual chamado “Shout, O children!”.

15 “*Take any shape but that, and my firm nerves/ Shall never tremble!*” Aqui Du Bois cita *Macbeth*, de Shakespeare. Durante o banquete que comemoraria sua ascensão ao trono escocês, Macbeth se aterroriza ao ver o fantasma de Banquo, que ele covardemente mandou assassinar. Os outros convivas não veem o

fantasma, mas se assustam com o comportamento de Macbeth, que, desesperado, pede a Banquo que desapareça ou que retorne à vida para enfrentá-lo na espada.

16 Termo depreciativo que surgiu no sul dos Estados Unidos, depois da Guerra Civil, para definir pessoas que vinham do norte do país para supostamente se aproveitar do caos do pós-guerra e explorar a população local. O termo, que tem origem em malas baratas feitas com tecido grosso de tapetes, passou imediatamente a ser usado também para definir pastores, professores, intelectuais e políticos que vinham do Norte para defender no Sul as propostas progressistas, como o direito de afro-americanos votarem e serem votados. Os brancos do Sul que defendiam as mesmas ideias eram chamados de “scalawags”. Ainda hoje o termo “carpetbagger” é usado, mas para definir políticos “paraquedistas”, que se candidatam por cidades ou regiões onde não vivem.

17 Essa emenda, ratificada em fevereiro de 1870, estabeleceu que o governo federal dos Estados Unidos e os governos estaduais não podem impedir o voto de um cidadão por motivo de raça, cor ou condição prévia de servidão.

18 A chamada “revolução de 1876” talvez seja mais bem descrita como uma contrarrevolução. Antes mesmo de terminada a Guerra Civil norte-americana (1861-65), iniciou-se um período conhecido como Reconstrução, no qual o governo federal começou a forçar os estados confederados a aceitar a hegemonia do partido governista, o Republicano, e suas reformas progressistas, entre as quais as que combatiam a discriminação racial. O próprio exército ocupou os estados do Sul para garantir, por exemplo, a construção de escolas para afro-americanos e combater a violência racial. A Klu Klux Klan, que surgiu em reação à Reconstrução, foi exterminada. Foi criado um departamento, chamado Gabinete dos Libertos (Freedmen’s Bureau), de apoio aos ex-escravizados, com a missão de, por exemplo, distribuir as terras de latifúndios abandonados entre a população negra. Mas em 1876, para resolver a crise política depois de uma eleição presidencial com resultado muito apertado, o Partido Republicano fez uma barganha com o Partido Democrata (que era, na época, o partido mais forte do Sul e reacionário). Os democratas reconheceram a eleição do republicano Rutherford B. Hayes para a presidência e, em troca, o governo dos republicanos aceitou retirar as tropas federais dos estados do Sul. Foi o final da Reconstrução. A violência contra os afro-americanos voltou a crescer, o número de linchamentos aumentou nas décadas seguintes e para muitos negros não houve outra saída a não ser se mudar para o Norte, em um movimento que ficou conhecido como Exodus.

19 Na Bíblia, Canaã é a terra prometida por Deus a Abraão e seus descendentes.

20 Uma referência a François-Dominique Toussaint L'Ouverture (1743-1803), grande líder da Revolução Haitiana, que foi ao mesmo tempo uma luta anticolonial e uma luta contra o escravismo. O exemplo do Haiti se tornou um pesadelo para escravagistas de todo o mundo.

21 *Sturm und Drang* (tempestade e ímpeto/tensão) foi um movimento filosófico e literário protorromântico alemão do século XVIII que colocou a emoção acima da razão e criticou o racionalismo iluminista. Du Bois foi muito influenciado por “stürmers” como o filósofo Johann Gottfried Herder (1744-1803) e Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), que era seu poeta favorito.

22 No original: “Or her vulgar music with the soul of the Sorrow Songs?”. Em diversas ocasiões, Du Bois fala em “soul” (alma) da música negra. No entanto, o termo demorou a entrar no léxico da música popular norte-americana. Aparentemente, as primeiras vezes em que o termo foi usado ocorreram no mundo do jazz dos anos 1940. A primeira aparição do termo “soul music” para descrever o que surgia como uma versão laica de música gospel, na qual uma garota ou um garoto tomam o lugar de Jesus como objeto de adoração, deu-se em 1961.

O filósofo William James, que era amúsico (ou seja, sofria de amusia, uma espécie de daltonismo sonoro) e foi o professor favorito, além de amigo e incentivador de Du Bois, usou o termo “soul music” já em 1900, mas para descrever uma “música interior” que tem pouca relação com sons.